

## **CONSIDERAÇÕES NIETZSCHIANAS SOBRE O CORPO: uma perspectiva filosófica para além da metafísica e do fisicalismo.**

Abraão Lincoln Costa<sup>1</sup>

### **RESUMO**

A filosofia em Nietzsche se desenvolveu através da sua crítica à posição dualista que considera na composição humana a existência de uma dualidade psicofísica, representada pelas diferenças entre o corpo e a alma. Ao empreender um profundo questionamento dessas teorias, o filósofo alemão passa a combater grande parte da tradição filosófica idealista, a começar por Platão, supostamente responsável por estabelecer a divisão metafísica entre os mundos sensível - onde reside nosso corpo físico de imperfeições e fraquezas, e o mundo das substâncias inteligíveis, repleto de verdades e da perfeição. Com interesse de aprofundarmos sobre o monismo de Nietzsche, notamos que na sua perspectiva, o corpo físico acabará sendo entendido não como matéria meramente dispendiosa, mas como processo dinâmico, ou como um movimento de forças em contínua mudança. Abordando as diferentes obras do autor e com o subsídio de intérpretes do seu pensamento, como Gilles Deleuze e Miguel Angel Barrenechea, propõe-se analisar a singular concepção nietzschiana de corpo para além da metafísica e do fisicalismo. Nessa ótica, corpo não é entendido como uma unidade substancial, mas como o confronto entre os impulsos corporais que determinam as múltiplas relações de poder e seus acordos temporários na totalidade orgânica.

Palavras-chave: Nietzsche, corpo, dualismo, monismo, totalidade orgânica.

### **ABSTRACT**

The philosophy of Nietzsche developed through their critique of dualist position that considers human composition in the existence of a psychophysical dualism, represented by the difference between body and soul. To undertake a profound questioning of these theories, the German philosopher passes to combat much of idealist philosophical tradition, beginning with Plato, allegedly responsible for establishing the metaphysical division between the sensible worlds - where our physical imperfections and weaknesses lie, and the world of intelligible substances, full of truth and perfection. With interest we delve on the monism of Nietzsche, we note that in its view, the physical body will eventually be understood not merely as a costly matter, but as a dynamic process, or as a movement of forces in continuous change. Addressing the different works of the author and the allowance interpreters of his thought, as Gilles Deleuze and Miguel Angel Barrenechea, proposes to examine the natural Nietzschean conception of the body beyond metaphysics and physicalism. From this perspective, the body is not understood as a substantial unity, but as the confrontation between bodily impulses that determine the multiple power relations and their temporary agreements in organic totality.

Keywords: Nietzsche, body, dualism, monism, organic whole.

---

<sup>1</sup> Docente da Uniplan, mestre em Filosofia pela UnB.

O presente artigo tem por interesse apresentar através de algumas das principais obras de Friedrich Nietzsche um estudo sobre a noção do corpo e dos efeitos para uma nova compreensão acerca do entendimento humano. Dessa forma, pretendo mostrar que o filósofo alemão colocou-se, de maneira inovadora, acima das perspectivas metafísica e materialista, que de costume se destacam ao longo da tradição filosófica. Para o estudo das suas obras, recorri ainda a alguns nomes como do intérprete Miguel Angel Barrenechea e Gilles Deleuze, responsáveis por pesquisas de incontestável expressão sobre a relação “corpo-consciência” à luz do pensamento nietzschiano.

Para entendermos melhor as colocações de Nietzsche sobre o corpo, partiremos de início da sua consideração sobre as posturas dualistas, destacando Platão e o Cristianismo. O pensamento platônico, conforme visto na tradição filosófica nos apresenta a compreensão do corpo através de uma dualidade psicofísica. Isso significa a existência de um corpo físico e de uma alma como substâncias distintas e indissociáveis entre elas, porém, juntas como parte da mesma composição que defini o ser humano. Como apresentado em algumas de suas obras, Platão nos diz que a alma antes de se encarnar teria habitado o mundo das ideias, permitindo conhecer pela intuição ou pelo conhecimento intelectual direto e imediato, sem a necessidade da matéria. É pela necessidade natural que então a alma acaba se unindo ao corpo, degradando-se na medida em que se distancia dos seus propósitos tão sublimes, já que a matéria apresenta desejos contrários aos da parte espiritual.

Em suma, percebemos que a filosofia platônica considera o corpo como causador dos males da vida humana, pois este acaba, para o filósofo atenisense, sempre por conduzir-nos ao erro de opiniões. Logo, o corpo é causador da corrupção e da decadência moral, o que, portanto, exige a supremacia da alma ou da consciência a fim de conter os sucessivos erros causados pelos sentidos. Assim torna-se necessário fugir do mundo físico, tanto simbólica como literalmente, no intuito de sermos virtuosos e de alcançarmos a sabedoria.

Deste princípio – disse Sócrates - não se segue que os filósofos devem pensar e dizer: a razão deve seguir apenas um caminho em suas investigações, enquanto tivermos corpo e nosso alma estiver absorvida nesta corrupção, jamais possuiremos o objeto de nossos desejos, isto é, a verdade. Porque o corpo nos oferece mil obstáculos pela necessidade que temos de sustentá-lo e as enfermidades perturbam nossas investigações.<sup>2</sup>

Não muito distante dessas considerações, os medievais entenderam o corpo como a porta de entrada para o pecado e a degradação. Assim, caberia a esta substância material submeter-se a um processo de purificação por meio das práticas ascéticas. O interesse cristão nesse momento é obter o controle dos desejos mais humanos, fazendo então com que o indivíduo compreenda a importância de renunciar aos prazeres dos sentidos mediante o recurso da mortificação do corpo pelos jejuns, abstinências e flagelações.

Notamos então que a relação corpo-consciência durante boa parte da Idade Média apoiou-se nos fundamentos racionais de Platão. Um claro exemplo disso está no neoplatonismo de Santo Agostinho, que ao examinar tal relação considerou que ambas constituem uma unidade, entretanto, a consciência seria imortal enquanto o corpo seria a sua dimensão física e mortal. Mediante o livre arbítrio e a graça divina, o homem pode evitar o mal que vem do seu corpo, pois a alma pode através de uma rigorosa disciplina governá-lo.

O ouro, a prata, os corpos belos e todas as coisas são dotadas dum certo atrativo. Por todos estes motivos e outros semelhantes, comete-se o pecado, porque, pela propensão imoderada para os bens inferiores, embora sejam bons, se abandonam outros melhores e mais elevados, ou seja, a Vós, meu Deus, à vossa verdade e à vossa lei.<sup>3</sup>

Portanto, o pensamento agostiniano, tal como o platônico, nos mostra que a melhor relação entre o corpo e a consciência deve se dar através do permanente esforço da alma contra a concupiscência, que é o desejo intenso de bens ou gozos materiais, inclusive o apetite sexual.

### *Nietzsche e o corpo*

Em oposição à tradição platônica-cristã, Nietzsche revaloriza o corpo e os sentidos ao negar a existência do além-mundo e de qualquer substrato anímico de origem transcendente. Desse modo, o filósofo alemão recoloca o ser humano no mundo destacando a sua importância ao reino animal. Diferentemente de Platão e de Agostinho, ele sustentará que

---

<sup>2</sup>Fédon, p. 127.

<sup>3</sup>Confissões, p. 69

## Considerações Nietzscheanas sobre o corpo

todos os fenômenos psíquicos aparecem exclusivamente da atividade orgânica e que mesmo os processos considerados espirituais ou racionais são decorrentes de atividades instintivas. De acordo com as palavras de Barrenechea “a valorização da terra é o corolário da crítica da crença em ultramundo, em supostos mundos do além”<sup>4</sup>. Por isso, a fidelização aos valores terrenos tem por obrigação a afirmação da vida em todas as suas manifestações, livrando-se dos delírios escatológicos, do distanciamento para possíveis mundos ideais.

Nesse sentido, notamos que a crítica do filósofo alemão ao tema referente à imortalidade da alma em detrimento da diminuição do corpo será uma constante no seu pensamento. Diferente da tradição metafísica, Nietzsche desenvolve uma concepção monista, ou seja, uma explicação sobre o corpo e a natureza que parte do princípio de uma vontade de potência. A compreensão do mundo requer a capacidade de aceitarmos que toda a natureza deriva de um conjunto de forças que constituem essa vontade de potência. Sobre isso o filósofo nos diz:

E sabeis sequer o que é para mim o mundo? Devo mostrá-lo em meu espelho? [...] força por toda parte, como jogo de forças e ondas de forças, ao mesmo tempo um e múltiplo. [...] Esse mundo é vontade de potência e nada além disso! E vós próprios sois essa vontade de potência – e nada além disso!<sup>5</sup>

O corpo na filosofia nietzscheana passa a ser visto como motivo de orgulho para o homem. Trata-se agora da “possessão mais segura”, tendo em vista aquilo do qual podemos ter a certeza da sua existência. Na obra *Assim Falou Zaratustra*, o corpo recebe denominações como “grande razão”, “multiplicidade unânime”, “guerra e paz”, “rebanho e pastor”, caracterizando-o como aquilo que há de primordial no ser humano: “Eu sou todo corpo [...]. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.”<sup>6</sup> Apresento ainda outra passagem que claramente define a posição de Nietzsche sobre uma nova compreensão do corpo e da natureza: “Escutai-me, antes, meus irmãos, escutai a voz do corpo são; é uma voz mais honesta e mais pura. De modo mais honesto e mais puro fala o corpo são, perfeito, quadrado; e fala do sentido da terra.”<sup>7</sup>

É importante ressaltar que a crítica à dualidade substancial, conforme apresentada por Nietzsche, tampouco o conduz a uma perspectiva materialista. Pelo contrário, pois sua

---

<sup>4</sup> 2009, p. 10

<sup>5</sup> *Fragmentos Póstumos*, junho-julho. de 1885, 38 [12].

<sup>6</sup> *Assim Falou Zaratustra*, “Dos desprezadores do corpo”, aforismo 5.

<sup>7</sup> *Assim Falou Zaratustra*, “Dos transmudanos”.

definição do corpo não é proveniente da noção de sensibilidade, mas sim caracterizado como uma multiplicidade de forças, na qual se incluem os processos psíquicos. Isso significa que em toda a natureza os organismos perpassam a todo instante por um dinamismo, por uma permanente disputa de forças, que configuram relações de poder que se transformam a cada instante. Tal dinamismo ou multiplicidade de forças em conflito, responsáveis pela constituição dos corpos, deve então ser entendida como ponto central da filosofia nietzschiana: vontade de potência. Reforçamos esse entendimento recorrendo novamente às palavras do filósofo Miguel Angel Barrenechea:

No extremo oposto da visão idealista do homem, encontramos outra concepção unilateral, o materialismo, que sustenta que o homem seria uma entidade ou substância material. Mas Nietzsche será radical: ao objetar a substancialidade da alma também contesta que haja um corpo entendido como substância de caráter material. Lembro que Nietzsche se afasta tanto do idealismo quanto do materialismo, como mostrei em *Nietzsche e o corpo: para além do idealismo e do materialismo* – (BARRENECHEA, 2003, p. 177): “Ao contrário, ele se coloca para além do materialismo e do idealismo, mostrando que o homem, enquanto indivíduo corpóreo, não é matéria, nem espírito, nem qualquer tipo de entidade ou forma substancial. [...] o homem é entendido como um jogo de forças em contínuo dinamismo, um conjunto de instintos em constante devir, um processo de criação permanente, gerido pela vontade de potência.”<sup>8</sup>

É preciso esclarecer que o corpo se manifesta através dos instintos corporais. Esses instintos trazem a compreensão da existência do jogo de forças atuando incessantemente em todo o organismo. Sendo assim, a dinâmica desses instintos é a constante permanência de manifestação e ampliação dos seus poderes. Trata-se de impulsos corporais em constante luta por mais potência. No organismo, cada força costuma manifestar sua potência na intenção de superar obstáculos e vencer certas resistências ao dominar outros impulsos com os quais se defronta. As forças sempre aparecem numa pluralidade conflitante, num conjunto em que cada uma busca sujeitar as demais que lhe opõem. Como dito por Nietzsche na *Genealogia da Moral*, os corpos são regidos por “[...] forças espontâneas, agressivas, usurpadoras, expansivas, criadoras de novas formas, interpretações e direções [...]”<sup>9</sup>

Portanto, o conflito é a tendência prioritária das forças, pois na dinâmica atuante na totalidade orgânica não é possível identificar a busca pela estabilidade ou harmonia, mas uma contínua tendência à guerra para aumentar seu poder. Cada força tem por função dominar outras forças menores, garantindo assim o máximo de expansão e dominação. É a dinâmica da

---

<sup>8</sup> 2009, p. 13

<sup>9</sup> *Genealogia da Moral*, II, 12.

## Considerações Nietzscheanas sobre o corpo

vontade de poder que garante essa estranha e polêmica atuação das forças sobre todos os seres vivos. A necessidade de buscar sempre mais com intuito de manifestar toda a sua potência. Nesse entendimento, vale ressaltar o não interesse pela conservação, mas o desejo de extravasamento, a dominação, a vitória sobre aquilo que seja visto como obstáculo. Nas palavras do filósofo: “Quando dois seres orgânicos se batem, não se trata de uma luta pela vida ou pela nutrição: como? É preciso que seja a luta pelo amor à luta [...].”<sup>10</sup>

A aparição plural e a configuração de hierarquias são outras características importantes das forças. Isso porque na investigação nietzschiana não pode existir uma força que atue de maneira isolada, pois essa existirá sempre em relação a outras, com as quais sempre se defrontará. Todo corpo é constituído pela manifestação de forças singulares, já que se constitui pela tensão, pela disputa, pela sobreposição do forte sobre o mais fraco, isto é, a totalidade orgânica estabelece a cada instante diferentes hierarquias, diferentes relações de ordem e sujeição. Isso quer dizer que mesmo após o confronto de impulsos é estabelecida uma “ordem pontual” em cada ato orgânico, definindo-se quem manda e quem obedece em cada momento corporal.

Nietzsche nos mostra que mesmo uma força disposta a extravasar o máximo do seu poder é pertinente salientar que as relações corporais estabelecem diferentes configurações, sendo provável que cada força, em diferentes circunstâncias, consiga ordenar e sujeitar, estabelecer-se como mandatária ou subalterna, tornar-se mais potente ou impotente, agir ou reagir. Nessa multiplicidade orgânica, as forças que estão sendo controladas ainda preservam a sua potência, mesmo na resistência, na oposição a uma força superior. Por isso, “[...] dominar é suportar o contrapeso da força fraca, é então um tipo de continuação da luta. Obedecer é também uma luta: contanto que reste força capaz de reagir.”<sup>11</sup> Atacando ou contra-atacando, as forças nunca perdem o seu poder, jamais deixam de tentar impor a sua vontade. Até na reação, no impulso conquistado, até no organismo que está numa situação inferior, notamos a tendência constante em ser superior. Em alusão a isso, lemos em *Assim Falou Zaratustra*:

Mas, onde quer que eu encontre vida, ouvi, também, falar em obediência. Todo o vivente é um obediente. [...] Onde encontrei vida, encontrei vontade de potência; e ainda na vontade do servo encontrei a vontade de ser senhor. Que o fraco sirva, a isto o

<sup>10</sup>*Fragments Posthumes*, verão-outono de 1884, 26 [276].

<sup>11</sup>*Fragments Posthumes*, verão-outono de 1884, 26 [276].

induz a sua vontade, que quer dominar outros mais fracos: esse prazer é o único de que ela não quer prescindir.<sup>12</sup>

Desse modo, a beligerância e o estabelecimento de hierarquias tornam-se características fundamentais daquilo que se expressa no organismo. Obedecendo ao estudo realizado, insisto na explicação de que em cada composição que se desenvolve durante toda a totalidade orgânica percebem-se forças dominantes e forças dominadas, ou seja, alguns impulsos agem, enquanto outros reagem. Tal como analisado por Gilles Deleuze em *Nietzsche e a Filosofia*, vemos no corpo a existência das forças de ação e reação. Deleuze com isso nos mostra que cada tipo de força corresponde a diferentes tipos de vontade de poder, comprovando, portanto, a existência de diferentes tipos de vontade de poder.

O corpo é um fenômeno múltiplo, sendo composto por uma pluralidade de forças irreduzíveis; a sua unidade é a de um fenômeno múltiplo, “unidade de dominação”. Num corpo, as forças superiores ou dominantes são ditas ativas, as forças inferiores ou dominadas são ditas reativas. Ativo e reativo são precisamente as qualidades originais, que exprimem a relação da força com a força. Porque as forças que entram em relação não têm uma quantidade, sem que cada uma ao mesmo tempo não possua a qualidade que corresponde à sua diferença de quantidade como tal. Chamar-se-á hierarquia a esta diferença das forças qualificadas consoante a sua quantidade: forças ativas e reativas.<sup>13</sup>

Ainda que façamos essa breve alusão a Deleuze, é preciso ressaltar que a sua investigação sobre as forças diversas e diferentes qualidades da vontade de potência, e que a distinção das forças em qualidades originais e diferenciadas como ativas e reativas está, segundo alguns estudiosos, pouco desenvolvida na filosofia de Nietzsche. Como aponta o filósofo Barrenechea “esta distinção aparece, geralmente, em parágrafos isolados, com exceção de *Genealogia da Moral*, particularmente na I Dissertação, em que as forças são consideradas ativas e reativas.”<sup>14</sup>

Reforçamos a importância de cuidados com a interpretação deleuziana quando outros estudiosos, como a filósofa Scarlet Marton, apontam para o uso incomum das obras de Nietzsche das forças de ação e reação. Segundo ela, “é apenas muito raramente que Nietzsche utiliza os termos ‘ativo’ e ‘reativo’.”<sup>15</sup> Por isso, é preciso elucidar que parece não existir argumentos tão categóricos nos textos de Nietzsche para existirem qualidades diferenciadas na vontade de poder: afirmação e negação. Essa diferenciação, distante de alguma proximidade

<sup>12</sup> *Assim Falou Zaratustra*, II, “Do superar a si mesmo”.

<sup>13</sup> *Nietzsche e a Filosofia* (2001, p. 32).

<sup>14</sup> 2009, p. 78.

<sup>15</sup> Marton (1990, p. 65-66).

## Considerações Nietzscheanas sobre o corpo

com as afirmações de Nietzsche, consiste numa interpretação apenas deleuziana: “uma apropriação peculiar do conceito nietzschiano de vontade de potência.”<sup>16</sup>

Como destacamos até aqui, a vontade de potência deve ser entendida como uma unidade pluralizada, em que não é possível reinstaurar categorias dicotômicas. O sustento da existência de qualidades de afirmação e negação da vontade em termos absolutos é o de postular categorias substanciais, ou seja: a existência de diferentes tipos de dicotomias metafísicas, totalmente opostas ao pensamento nietzschiano.

### *Considerações sobre a consciência*

É bem sabido por todos que Nietzsche desenvolve na sua filosofia uma severa crítica à consciência, enquanto característica mais elevada, a fim de questionar a racionalidade com a qual o homem compreende a própria vida. Com essa postura, o filósofo alemão pretendia não apenas polemizar a tradição idealista, mas utilizar-se de uma estratégia capaz de recuperar os aspectos naturais do homem, como os instintos. Dessa maneira, a consciência deixaria de ser vista como parte indissociável do corpo, passando agora a ser reconhecida como produto originado do jogo de forças que se desencadeia dentro da totalidade orgânica. Tornar-se-ia essa a maneira encontrada pelo filósofo alemão para chamar a atenção dos metafísicos que desprezam ou subvertem os aspectos carnis do homem. Nietzsche emprega de forma metafórica uma série de imagens gástricas com o intuito de demonstrar que a consciência é muito parecida com o ventre e o estômago. Veremos nisso o interesse de eliminar as fantasias idealistas, que exaltam exageradamente as atividades intelectuais.

É importante ressaltar que a estratégia de Nietzsche não pretende negar a existência dos fenômenos conscientes, mas sim colocá-los numa relação direta com o conjunto instintivo. Logo, a consciência será reinterpretada como uma atividade oriunda daquilo que se realiza dentro do corpo, portanto, exclusivamente dependente disso. Assim, notamos de forma contundente a crítica nietzschiana à posição tradicional que define o homem como ser racional ou espiritual. Conceitos como alma, espírito, seriam na verdade “ficções inutilizáveis” que insistem na afirmação de um substrato anímico, pessoal, eterno e imutável de origem supramundana. Durante as diferentes fases do pensamento nietzschiano, percebeu-se

---

<sup>16</sup>Deleuze, 2009, p. 79.



claramente a persistência em questionar tais conceitos, uma vez que distorcem uma compreensão mais precisa acerca da condição humana. Percebe-se que as considerações metafísicas, conforme vistas aqui nas breves explicações sobre a relação corpo-consciência de Platão e de Agostinho, desenvolveram a doutrina da pura espiritualidade, que teria então prejudicado o entendimento legítimo do próprio homem.

Vale insistirmos na explicação de que Nietzsche critica qualquer forma de substancializar o homem através da alma, do espírito e da razão, como também do seu oposto tais como objeto, substância e matéria. Para os leitores mais atentos, e que já leram algumas das obras do autor, podem parecer estranhas essas colocações, uma vez que os termos citados aparecem costumeiramente em muitas passagens do seu pensamento. Entretanto, cabe explicarmos que o uso dessas palavras restringem-se à maneira habitual de nos comunicarmos. Tratam-se de meras formas de falar ou simplesmente de noções consolidadas pelo uso da tradição, pelos costumes linguísticos carentes, no entanto, isentos de qualquer conteúdo efetivo. Em suma, noções como “alma”, “espírito” ou “razão” nada mais são do que formas de expressões úteis para nos comunicarmos com as outras pessoas. Resumem-se a termos corriqueiros empregados metaforicamente. O exemplo disso está em *Assim Falou Zaratustra* na qual fica claro que a referência ao espírito é, na verdade, um uso metafórico de expressão, ou seja, uma “imagem poética”: “Desde que conheço melhor o corpo” – disse Zaratustra a um dos seus discípulos – “o espírito, para mim, ainda é espírito, por assim dizer; e todo o ‘imperecível’ também é apenas uma imagem poética.”<sup>17</sup>

A oposição de Nietzsche às teorias existencialistas que afirmam a existência de um substrato anímico no homem está pautada no mesmo critério que nega a existência de um corpo substancial. De acordo com esse critério, “não há um substrato subjetivo racional ou consciente, pelo mesmo motivo de que não existe “coisas” e, tampouco, “substanciações” de qualquer ordem no devir vital. Essas entidades são o resultado de construções conceituais, provenientes da carência humana de afirmar permanências forjadas para possibilitar sua tarefa cognitiva.

Obedecendo a essa inusitada interpretação, a identidade humana torna-se, na verdade, uma suposição. Como interpreta Barrenechea: “esses conceitos, surgidos em épocas remotas,

---

<sup>17</sup> *Assim Falou Zaratustra*, II, “Dos Poetas”.

## Considerações Nietzscheanas sobre o corpo

deturpam a compreensão do funcionamento do psiquismo, postulando estabilidade em que há diversidade, essências fixas nas quais há inúmeras forças desiguais em conflito.”<sup>18</sup>

A crítica desenvolvida por Nietzsche à tradição compromete tanto a postulada unidade do “mundo exterior” quanto a suposta consistência do “mundo interior”. O filósofo é categórico quando afirma que no devir não pode haver objetos, sujeitos, coisas, entes etc.; o único efetivo é o fluxo da vontade de potência. Se o átomo, considerado a entidade mais elementar existente da matéria, foi questionado pela Física, por que a alma de pretensa substancialidade espiritual e imperceptível a nós não poderia ser contestada?

[...] é preciso inicialmente liquidar aquele outro e mais funesto atomismo, que o cristianismo ensinou melhor e por mais longo tempo, o atomismo da alma. Permita-se designar com esse termo a crença que vê a alma como algo indestrutível, eterno, indivisível, como uma mônada, um atomon: essa crença deve ser eliminada da ciência!<sup>19</sup>

Para o filósofo alemão, a consciência é, na verdade, a função menos desenvolvida pelo homem. Esse seria o motivo de inúmeros erros e de grandes perigos provocados pela mesma e que levariam os seres humanos a decadências constantes, caso não fosse amparada pelo “laço protetor e conservador dos instintos”.<sup>20</sup> Sobre isso, Nietzsche adota uma linha interpretativa antidarwiniana, considerando que o órgão desenvolvido mais recentemente não é o mais perfeito mas, sim, o menos preciso, menos eficaz no seu funcionamento, e que não atingiu, ainda, o aprimoramento na realização das suas funções.

A consciência é o último e derradeiro desenvolvimento do orgânico e, por conseguinte, também que nele é mais inacabado e menos forte. Do estado consciente vêm inúmeros erros que fazem um animal, um ser humano, sucumbir antes do que seria necessário, “contrariando o destino”, como diz Homero. Não fosse tão mais forte o conservador vínculo dos instintos, não servisse no conjunto como regulador, a humanidade pereceria por seus juízos equivocados e seu fantasiar de olhos abertos, por sua credulidade e improfundidade, em suma, por sua consciência; ou melhor: sem aquele, há muito ela já teria desaparecido!<sup>21</sup>

A consciência na filosofia nietzscheana está muito longe de ser o atributo cuja existência seria capaz de exibir a superioridade humana em vista de todos os outros seres vivos, pois na verdade é um órgão deficiente, passivo de inúmeros erros, pelo motivo da sua função corporal ter se desenvolvido no homem de maneira tardia. Acabou então sendo a

---

<sup>18</sup>2009, p. 94.

<sup>19</sup>*Além do Bem e Mal*, aforismo 12

<sup>20</sup>*Gaia Ciência*, aforismo 11.

<sup>21</sup>*Idem*

menos controlada pelos instintos – forças distantes, antiquíssimas e, por isso, precisas, foi ela, a consciência, a menos controlada por esses organismos protetores, e aquela que se equivoca com mais frequência. Os erros da consciência podem provocar vários prejuízos para o homem, gerando a decadência orgânica e até levar o homem à sucumbência.

As ações inconscientes costumam ser precisas, já que os instintos aperfeiçoaram-se gradativamente ao longo de longos períodos, constituindo-se em “velhos guias”, em “impulsos reguladores e inconscientemente certos.” Contrária a essa desenvoltura, a consciência por ter se tornado a última função desenvolvida pelo organismo, é a mais imatura e imperfeita, aquela que pode cometer mais erros e elaborar incontáveis juízos equivocados. Por isso, a passagem do aforismo acima nos diz que a consciência deve ser tiranizada sem tréguas, deve ser vigiada rigorosamente pelos instintos, pois falta dessa atenção faria com que ela agisse sem controle, cometendo erros terríveis e pondo em risco a vida humana.

Ora, sendo a atividade instintiva tão perfeita conforme menciono em várias linhas desse artigo, pergunta-se: por que motivo surgiria a consciência como sendo órgão imperfeito, delirante e insensato? Novamente, obediente às palavras de Barrenechea “por que razão as tarefas incumbidas à consciência não foram realizadas por um outro automatismo inconsciente que, sem dúvida, pela sua longa prática, agiria de forma perfeita?”<sup>22</sup> Tentarei a seguir elucidar essas questões mostrando como Nietzsche explica o motivo pelo qual a consciência nasce e se desenvolve no homem.

### *A origem da consciência*

De antemão, vale ressaltar que não há qualquer possibilidade de explicarmos que o surgimento da consciência deriva de alguma origem metafísica ou transcendente. Nietzsche considerou vaga qualquer tentativa de determinar a origem de algum órgão, já que o seu surgimento depende unicamente do acaso do choque entre as forças. Não há, portanto, dentro da dinâmica mutável de um mundo imprevisível, nem *télos* nem *arché*. Cada órgão, então, se desenvolve através de caminhos contraditórios, com avanços e recuos, com múltiplas mudanças, sem nenhum objetivo a ser alcançado. Nietzsche nos chama atenção de que, no

---

<sup>22</sup>2009, p. 97.

## Considerações Nietzscheanas sobre o corpo

jogo de forças que perfaz o devir vital não existem causas iniciais ou finalidades últimas que direcionem e orientem a configuração dos diversos corpos, dos diferentes órgãos. Nessa disputa, sempre aparecem novas ordenações, novas finalidades: tudo é transformado, redirecionado de acordo com as diferentes relações de poder, variando sempre de acordo com as forças que estejam em domínio.

[...] algo existente, que de algum modo chegou a se realizar, é sempre reinterpretado para novos fins, requisitando de maneira nova, transformado e redirecionado para uma nova utilidade, por um poder que lhe é superior; de que todo acontecimento do mundo orgânico é um subjugar e assenhorear-se, e todo subjugar e assenhorear-se é uma nova interpretação, um ajuste, no qual o “sentido” e a “finalidade” anteriores são necessariamente obscurecidos e obliterados.<sup>23</sup>

Assim, a tentativa de explicar a causa ou a finalidade do ser humano como pretendido pelas diversas concepções teológicas e metafísicas é um esforço descabido e inútil pois, de acordo com Nietzsche, tudo é gerido pelo acaso do jogo vital. Tudo provém de inúmeras nuances do desenrolar da vontade de potência. A atividade racional, por exemplo, desenvolveu-se de forma misteriosa, inexplicável, sem razões para o seu aparecimento. Como o próprio filósofo coloca: “Como veio a razão ao mundo? Como é justo, de uma maneira irracional, por um acaso. Será preciso decifrá-lo, como um enigma.”<sup>24</sup>

Por que a atividade consciente tornou-se necessária para a nossa espécie? Quais foram as circunstâncias que deram origem a esse órgão tão singular? Veremos que Nietzsche tece algumas hipóteses para tal surgimento, entre elas a de que os seres humanos se sentiram desprotegidos quando se viam em perigo por situações de extrema agressividade, comumente vistas no mundo selvagem. Logo, a atividade consciente teria sido um instrumento de reação diante de pressões extremamente perigosas. O homem encontrar-se-ia obrigado a sobreviver no meio de condições precárias, de grandes ameaças; provavelmente enfrentando eventos de grandes exigências a fim de garantir a sua sobrevivência. Tamanhas situações de instabilidade ameaçaram o funcionamento tranquilo e harmonioso dos instintos, impelindo o organismo a gerar um artifício, uma maneira que garantisse a preservação da espécie. Povos teriam sofrido incontáveis ameaças de predadores vorazes, o que exigiu de todos uma cooperação mútua, com o intuito de superarem as duras condições da vida selvagem surgindo, então a consciência.

---

<sup>23</sup> *Genealogia da Moral*, II, aforismo 12.

<sup>24</sup> *Genealogia da Moral*, II, aforismo 12.

A consciência é um produto do organismo humano - uma espécie de aparelho gregário capaz de facilitar a comunicação entre os membros da comunidade. Os grupos que viviam sob constantes ameaças de predadores selvagens deviam trocar informações rápidas sobre os perigos existentes. Surgiam, assim, os signos que contribuíram para o entendimento imediato entre os membros dos diferentes grupos. As primeiras formas de comunicação se deram por meios expressivos como olhares, gestos e sons. Com o processo de aperfeiçoamento da comunicação, surgiram as palavras que permitiram num código comum a simplificação e abreviação de inúmeras experiências. Dentro dessas circunstâncias surge a consciência, contemporânea da linguagem. Referimo-nos até aqui a uma genealogia nietzschiana sobre a atividade consciente: “a consciência só se exprime através da linguagem; para que haja pensamento consciente é imprescindível o surgimento da palavra.”<sup>25</sup> A linguagem corresponde a um processo de abreviação, que permitia aos grupos ameaçados pelos perigos da vida selvagem utilizarem sinais simples, céleres, capazes de facilitar a comunicação imediata, e assim adotarem medidas necessárias:

Em todas as almas, um mesmo número de vivências recorrentes obteve primado sobre aquelas de ocorrência rara: com base nelas as pessoas se entendem, cada vez mais rapidamente – a história da linguagem é a de um processo de abreviação -; com base nesse rápido entendimento, as pessoas se unem, cada vez mais estreitamente. Quando é maior o perigo, maior é a necessidade de entrar em acordo, com rapidez e facilidade, quanto ao que é necessário fazer; não entender-se mal em meio ao perigo, eis o que os homens não podem dispensar de modo algum no convívio.<sup>26</sup>

Assim, Nietzsche verifica que a linguagem serve apenas para garantir a coesão da comunidade; longe de traduzir a verdadeira realidade dos fatos, as palavras possuem apenas um significado gregário. Em obras como *Crepúsculo dos Ídolos*, ele questiona a linguagem de forma cada vez mais contundente. A utilização das palavras tende à função de expressar significados amplos e gerais, perdendo-se dessa forma a singularidade. Portanto, tudo aquilo que se torna consciente através de qualquer signo torna-se, por efeito, superficial, vulgar e desprezível. Nessa etapa conclusiva da sua obra, o filósofo desenvolveu críticas cada vez mais extremas ao valor comunicativo da linguagem. Vejamos a citação:

Nós não estimamos mais o suficiente, quando nos comunicamos. Nossas vivências próprias não são de modo algum loquazes. Elas não poderiam comunicar a si mesmas, se elas quisessem. Isto acontece porque lhes falta a palavra. Para o que temos palavra, já estamos um passo adiante de sua concernência. Em todos os discursos há um grão

---

<sup>25</sup> 2009, p. 100.

<sup>26</sup> *Além do Bem e do Mal*, aforismo 268.

## Considerações Nietzscheanas sobre o corpo

de desprezo. A fala, ao que parece, foi inventada apenas para o que é ordinário, mediano, comunicável. Com a fala *vulgariza-se* imediatamente o falante.<sup>27</sup>

De forma geral, os pensamentos provenientes da consciência, e que se tornam palavras, jamais conseguiriam traduzir as experiências mais profundas do homem, por se tratarem de artifícios convencionais e pragmáticos. Nesse caso, servem apenas para que os diferentes grupos humanos (ou rebanho) possam se comunicar e consigam enfrentar as situações de intenso perigo. Refere-se aqui a um instrumental linguístico, capaz de equacionar situações de constrangimento, mas incapazes de explicar os incontáveis processos do devir corporal pertencente a cada homem. Contrariamente, as palavras que derivam da consciência atingem o entendimento das coisas somente de modo superficial, o que para Barrenechea poderia se tornar um “sintoma de radical corrupção orgânica”<sup>28</sup>, ou de acordo com as próprias palavras de Nietzsche: “Afinal, a consciência crescente é um perigo; e quem vive entre os mais conscientes europeus sabe que é uma doença.”<sup>29</sup>

### Considerações finais

Podemos concluir que a interpretação nietzscheana sobre o homem nos remete à certeza de que o corpo transforma-se no “fio de Ariadne” capaz de nos guiar ao entendimento da vida. Isso significa que não pode haver fenômenos espirituais de maneira independente no momento que estes dependem da dinâmica de forças do organismo. Para o filósofo, a dualidade psicofísica trouxe muitos malefícios ao ser humano, uma vez que o corpo sempre fôra visto numa condição de inferioridade diante da alma perene e imortal. Não há, portanto, troca de termos, apenas a contestação da substancialidade, da consciência e da sua superioridade frente ao corpo. O filósofo alemão nos diz que até mesmo a materialidade corpórea deve estar passiva de contestação. Dessa forma, o mundo deve ser entendido como jogo de forças onde não pode existir qualquer estabilidade: um fluxo constante, repleto de transformações obedientes à dinâmica do vir-a-ser. Logo, a definição de “entes” alude unicamente à noção de “seres hipotéticos”.

Se abandonamos o conceito de “sujeito” e de “objeto”, abandonamos também a ideia de “substância”, e, por conseguinte, também as suas diferentes modificações, como,

---

<sup>27</sup> *Crepúsculo dos Ídolos*. “Incursões de um extemporâneo”, aforismo 26.

<sup>28</sup> 2009, p. 103.

<sup>29</sup> *Gaia Ciência*, aforismo 354.

por exemplo: a “matéria”, o “espírito” e outros “seres hipotéticos”, a “eternidade e inalterabilidade da substância” etc. Ficamos livres da materialidade.<sup>30</sup>

Sendo assim, não há identidades, substancialidade, objetos, matérias, espíritos ou coisas parecidas que possam fazer referência a uma incontestável materialidade ou espiritualidade no mundo. Na concepção nietzschiana, existe unicamente o jogo de forças regido pela vontade de potência, mostrando a impossibilidade de existir qualquer sujeito de caráter substancial. Nietzsche pretende nos mostrar seres representados por um substrato subjetivo, ou seja, um modelo “a partir do qual se imaginou a existência de substâncias *objetivas* ou exteriores, isto é, a existência de coisas no universo.”<sup>31</sup> De maneira geral, as entidades que se manifestam interna e externamente resultam de “fantasias operatórias”, conceituações antropomórficas dispostas a colocar certa estabilidade no devir, permitindo-nos a impressão de fazermos parte de um mundo estável e organizado.

Outra importante contribuição para entendermos a incerteza ao apontarmos qualquer noção de substancialidade presente no mundo, e em nós mesmos, está na aproximação que Nietzsche faz com a ciência. O filósofo alemão parece estar, ao desenvolver seus argumentos, bastante próximo das teorias científicas de Boscovich. A relação entre o físico e a questão da substancialidade pensada na filosofia nietzschiana está na negação da consistência do átomo, o que inviabilizaria a própria noção de matéria. O físico apresenta na sua tese uma noção de partículas indivisíveis que não representa a mínima expressão de matéria: tratar-se-ia de partículas cuja constituição deriva de pequenas forças ainda desconhecidas para a ciência. Por isso, Nietzsche nos diz que “Boscovich nos ensinou a abjurar a crença na última parte da terra que permanecia firme, a crença na ‘substância’, na ‘matéria’, nesse resíduo e partícula da terra, o átomo [...]”<sup>32</sup>

No tocante às forças do vir-a-ser, notamos após esses argumentos que Nietzsche encontrou tanto motivos filosóficos quanto científicos para negar a substancialidade do corpo, quer seja transcendente ou material. Assim, a sua filosofia nos mostra o corpo físico como fio condutor, responsável pela pluralidade de impulsos que objetiva estender continuamente a sua dominação, obediente sempre à vontade de potência.

---

<sup>30</sup>*Fragmento Póstumo* (do outono de 1887, 9 [91]).

<sup>31</sup> BARRENECHEA. *Nietzsche e o corpo*, p. 134.

<sup>32</sup> *Além do Bem e do Mal*, aforismo 12.

## Referências

AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução: J. Oliveira Santos. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores)

BARRENECHEA, M. A. *Nietzsche e o corpo*: para além do materialismo e do idealismo. In: LINS, Daniel *et al* (orgs). *Que pode um corpo*: Nietzsche e Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003, p. 177-188.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

BLONDEL, Erik. *Nietzsche, les corps et la culture*. Paris: PUF, 1985.

DELEUZE, Giles. *Nietzsche e a Filosofia*. Tradução: Antonio M. Magalhães. Porto: Rés-Editora, 2001.

MARTON, Scarlet. *Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

NIETZSCHE, F. W. *Assim falava Zaratustra*. Tradução.: Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

\_\_\_\_\_. *A vontade de poder*. Tradução: Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Gaia da ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Genealogia da moral*: uma polêmica. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Além do Bem e do Mal*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Obras incompletas*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Coleção Os Pensadores)

\_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos Ídolos*. Tradução: Paulo César de Sousa. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.



PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores)